

## HISTÓRIAS POR ESCREVER: UM MUSEU VIRTUAL SOBRE A INFLUÊNCIA NEGRA NA VIDA SOCIOPOLÍTICA NOS CAMPOS DE CIMA DA SERRA

Aline Hernandez<sup>1</sup>

Artigo recebido em: 22/02/2013 | Aceito em: 11/04/2013

### Resumo

O artigo relata uma experiência de pesquisa em Psicologia Política e memória social, que deu origem ao primeiro Museu Virtual dos Campos de Cima da Serra/RS/Brasil acerca da influência negra na constituição sociopolítica da região. Iniciamos situando dados históricos sobre o processo de escravização dos/as primeiros/as negros/as africanos/as trazidos/as ao Brasil, até sua chegada, suas formas de vida e de trabalho escravo na serra gaúcha. Em seguida, explicamos o hibridismo metodológico adotado na pesquisa e a importância das múltiplas metodologias à consolidação de um espaço virtual de registro e difusão de histórias e memórias ainda silenciadas pela história oficial no que concerne à importância dos negros ao desenvolvimento político, econômico e cultural desta região do Brasil. Finalmente, apresentamos, através das fotografias, histórias e memórias e um dos participantes da pesquisa, exemplos do tratamento metodológico adotado, sublinhando as dimensões teóricas e epistemológicas que nos guiaram. As análises sobre o amplo fluxo de dados evidenciam a importância da criação de um espaço de memórias e histórias (museu virtual) que vem da própria comunidade negra e para ela retorna, atualizando histórias por escrever.

**Palavras-chave:** Fotografia; Memória Social; Museu Virtual; Psicologia Política.

## HISTORIES TO BE WRITTEN: A VIRTUAL MUSEUM ON THE BLACK INFLUENCE ON THE SOCIAL-POLITICAL LIFE IN CAMPOS DE CIMA DA SERRA

### Abstract

This paper reports a research experience in Political Psychology and social memory that has given rise to the first Virtual Museum of Campos de Cima da Serra/RS/Brazil, devoted to the black influence on the social-political constitution of that region. Firstly, we present historical data on the process of slavery undergone by the first African black people brought to Brazil, their arrival, their ways of life and their work as slaves in the highland region of Rio Grande do Sul. We explain the methodological hybridism adopted in this research and the importance of multiple methodologies for the consolidation of a virtual space to record and spread histories and memories still silenced by the official history concerning the importance of black people for the political, economical and cultural development of this region in Brazil. Finally, with the use of photographs, histories and memories provided by one of the research participants, we present examples of the methodological approach adopted, and highlight the theoretical and epistemological dimensions that have guided us. The analysis of the broad range of data has evidenced the importance of creating a space for memories and histories that both arise from the black community and return to it, thus updating histories to be written.

**Keywords:** Photography; Political; Psychology; Social Memory; Virtual Museum

---

<sup>1</sup> Psicóloga, Mestre em Educação, Doutora em Psicologia. Professora Adjunta da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul. E-mail: <alinhernandez@hotmail.com>

## INTRODUÇÃO

Sabemos que nem todas as histórias foram ouvidas no processo histórico contadas. Para ouvir a voz dos esquecidos é preciso romper silêncios, reavivar memórias, imagens, rostos e vozes. O Museu Virtual dos Campos de Cima da Serra<sup>2</sup> começa a ser feito através de acervos fotográficos e histórias orais de negros/as<sup>3</sup> que influenciaram a vida cultural e sociopolítica do município de São Francisco de Paula e dos Campos de Cima da Serra. Na pesquisa que apresentamos, a confluência de diferentes metodologias constitui uma das formas possíveis de fazer pesquisa e resume a intenção de percorrer novos modos de olhar para a história através do tempo e a partir do presente do pesquisador.

A região denominada Campos de Cima da Serra, na serra gaúcha, compreende o município de São Francisco de Paula que, desde 2004, conta com a presença da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (Uergs), onde são oferecidos os cursos de Pedagogia e Gestão Ambiental, atingindo alunos do local e de municípios vizinhos. Além de cumprir com a principal missão da Uergs, a promoção do desenvolvimento regional, o curso de Pedagogia tem buscado a integração entre conhecimento científico e realidade local, a partir da própria complexidade regional. Assim, torna-se imprescindível à formação de novos docentes (alunos/as do Curso de Pedagogia), o aprofundamento em temáticas e saberes oriundos da própria comunidade em interação com os conhecimentos científicos que vão sendo adquiridos.

A formação superior deve promover os conhecimentos que os capacitem e formem em ações de preservação, valorização e promoção de suas culturas. Com isso, a defesa da memória de uma região exige atuação, intervenção e conhecimento.

As principais questões de pesquisa perseguiram explorar: Como as comunidades negras dos Campos de Cima da Serra olham para sua história? Quais são as vozes, memórias e narrativas que a história oficial não registrou, mas que influenciaram na vida social, econômica, política e cultural dos municípios dos Campos de Cima da Serra? Quais são as imagens e outras fontes documentais que registram e contam estas histórias e que estes grupos gostariam de tornar públicas?

Assim, o objetivo principal da pesquisa que apresentamos, foi o de explorar, recopilar e analisar documentos a fim de gerar uma informação de *interesse público*. Tratou-se de um processo cuja finalidade foi a de elaborar conjuntos de informações e comunicações que pudessem ser conhecidas e difundidas no âmbito social. Além de gerar esta circulação da informação, a pesquisa histórica pode ser considerada um elemento de localização e recuperação de informações sociais e culturais.

Uma das repercussões da pesquisa foi à possibilidade de disponibilizar, de forma gratuita, acessível e democrática, um acervo histórico-cultural acerca das práticas culturais, das memórias e relatos dos habitantes afro-descendentes dos Campos de Cima da Serra. O material investigado foi variado: entrevistas narrativas, rodas de memória, coleções de fotografias e imagens antigas, documentos de interesse público. A recopilação e análise de todo este material serviu como um banco de memórias que denominamos “museu virtual”, que serve como vasta fonte documental de consulta e pesquisa, pois aproxima o diálogo entre diferentes áreas do conhecimento e o acesso a informações relevantes acerca da influência dos afro-descendentes na serra gaúcha.

<sup>2</sup> Pesquisa financiada pelo CNPq e Fapergs.

<sup>3</sup> Usaremos o termo negro/negra para nos referirmos aos participantes, às histórias e memórias, pois o termo “afro-descendentes” foi criticado e questionado pelos próprios participantes por ser “politicamente correto”, não expressando, em termos discursivos as matizes e a pluralidade das identidades negras

Tanto os registros escritos como as imagens guardam uma riqueza histórica e cultural capaz de dar acesso e preservar relatos ou testemunhos, revelando “percursos”. Estes registros constituem-se numa fonte adequada para localizar o conjunto de indicadores e produções discursivas engendradas em determinado contexto histórico. A constituição de coleções organizadas de documentos e imagens foi um instrumento potente à pesquisa histórica e política. A “leitura” destes materiais é histórica, explorando as práticas sociais e os elementos culturais presentes em sua “brevidade” material. A história é reconstruída a partir de documentos diversos. O texto do historiador é um discurso, uma narrativa sobre determinado fato. Neste sentido, foi muito interessante contar histórias a partir de textos em movimento (imagens, depoimentos, fotografias) mediados a partir das tecnologias da informação.

O hibridismo metodológico em pesquisa permite a ampliação de fluxos de dados distintos, além de não domesticar o olhar de quem pesquisa. Assim, uma motivação principal foi a de combinar diferentes metodologias analíticas tanto na coleta quanto no tratamento dos dados: pesquisa histórica, história oral, análise documental, análise de narrativas e de imagens.

O amplo e rico fluxo de dados permitiu a criação do 1º Museu Virtual sobre a influência negra na vida sociopolítica e cultural nos Campos de Cima da Serra. Trata-se de um projeto inovador que contou com tecnologias da informação e ferramentas informáticas, a fim de organizar e disponibilizar, em redes sociais, coleções organizadas de informações sobre as histórias e memórias dos habitantes afro-descendentes dos Campos de Cima da Serra, já que a presença negra na região permaneceu e permanece fortemente ignorada.

Na pesquisa histórica o passado é uma convulsão de tempos que podem ser revisitados a partir da releitura do presente buscando novas fontes e permanentemente reconstruindo, pois o passado, para os historiadores está inacabado. Assim, o desenvolvimento de um museu virtual permitiu, ainda, que a própria comunidade possa seguir interagindo e contribuindo de forma participativa e contínua com o fluxo de informações a serem postadas e disponibilizadas. Uma vez criado o ambiente “Museu Virtual”, é a própria comunidade quem faz a retroalimentação das informações, ampliando permanentemente os materiais disponíveis. Neste caso, o processo de construção do Museu Virtual é convulsivo, pois se faz em campo de forças, com diferentes concepções e representações a respeito dos negros.

Partimos do pressuposto epistemológico de que nenhuma produção de conhecimento pode ser neutra, uma vez que a tarefa de tornar visível uma história não se esgota na descrição processual e enumerada de acontecimentos passados, mas exige ser constantemente contextualizada e interpretada. Conforme Braudel (1989, p.17) “os dias que vivemos se explicam, em parte, pelos dias que os precederam imediatamente. Para essa breve volta ao passado, a história tomará facilmente a palavra”.

Fez-se emergente a tarefa de favorecer a visibilidade social de uma série de saberes silenciados ou contados a partir de outros matizes e por outras pessoas em relação às experiências históricas que influenciaram a vida sociopolítica e cultural nos Campos de Cima da Serra. O campo da Psicologia Política vai além de um enfoque científico individual e, dado seu caráter social, deve estar comprometido com os problemas que vivemos em sociedade, dedicando uma parte significativa de seus estudos ao conhecimento dos fenômenos que constituem o cotidiano político e as experiências históricas de inúmeras pessoas e grupos sociais.

## DESENVOLVIMENTO

### O QUE CONTA A HISTÓRIA OFICIAL

Muitos brasileiros descendem de povos africanos. Por isso, conhecer a história da África nos faz aprofundar conhecimentos sobre nossa própria história. Os contatos entre africanos e europeus se intensificaram entre os séculos X e XV. No século XVI, com a colonização da América, europeus passaram a ver a África com interesses escravagistas, baseados na mão de obra negra.

Antes de serem embarcados, os prisioneiros vendidos aos negreiros como escravos eram obrigados a dar voltas em torno de um baobá, a *Árvore do Esquecimento*, para perder a memória de seus vínculos de família, língua, costumes e seu pertencimento a um lugar e uma cultura. Mas, a história demonstra que as voltas em torno ao baobá não serviram para o apagamento de memórias e histórias. Morriam em média 20% dos negros durante as viagens, dadas as condições subumanas de vida: excessivo calor, espaço reduzido, água e alimentos insuficientes, maus-tratos. “Senhor Deus dos desgraçados! Dizei-me vós, Senhor Deus! Se é loucura, se é verdade tanto horror perante os céus” (Castro Alves, *Navio Negreiro*, 1868). As estimativas registram que entre 1531 a 1855 cerca de quatro milhões de escravos africanos desembarcaram no Brasil (RADÜNZ e GIRON, 2010).

Silenciar a memória de alguém ou quebrar seus vínculos de pertencimento é uma forma eficaz de garantir sua dominação. Impedir uma pessoa de reconhecer aqueles que lhe serviram de modelo é negar-lhe o direito à memória. Este é o caso da “memória negra” no Brasil. Manifestações perversas de preconceito negaram (e negam) ao negro o direito à memória. As práticas colonizadoras e a prevalência da cultura branca apagaram a influência negra das mais diversas culturas brasileiras.

As histórias portuguesas sofreram no Brasil consideráveis modificações na boca das negras velhas ou amas-de-leite. Foram as negras que se tornaram entre nós as grandes contadoras de histórias. (GYLBERTO FREIRE, 1933)

Desde o início da colônia do Sacramento, no século XVII, já se registrava a presença negra no Rio Grande do Sul. A população negra, conforme dados do censo de 1872 chegava a quase quinze mil pessoas entre escravos e livres, somando 34,6% da população. Os negros lutaram em diferentes conflitos, sempre usados como linha de frente, sendo facilmente exterminados. Os negros chegaram à serra gaúcha como *escravos de oito*, para trabalhar na roça das antigas fazendas particulares dos Campos de Cima da Serra (SCHLESINGER e PORTO, 1988).

A Serra Gaúcha foi à última região a ser ocupada por colonos europeus, pois a região era de difícil acesso e vegetação de mata. No final do século XIX a região começou a ser ocupada pelos italianos. Na região dos Campos de Cima da Serra os escravos foram utilizados nas fazendas de criação de gado, na monocultura e, principalmente nas indústrias. A escravidão se constituiu pela força e domínio do “patrão” sobre o escravo, como mercadoria de sua propriedade. As primeiras relações comerciais da Serra se fizeram através dos negros e dos tropeiros que vendiam e trocavam produtos coloniais por ferramentas, insumos e outros materiais necessários ao cotidiano das colônias (RADÜNZ e GIRON, 2010).

Nas colônias fundadas após 1868, eram proibidas a posse e a residência de escravos, mas a lei não foi suficiente para exterminar as práticas escravagistas. Assim, os contratos entre os colonos e os escravos

ocorriam, ou através da vizinhança, ou em viagens, quando tropeiros e carreteiros vindos dos Campos e da Serra se encontravam. Os negros eram comprados pelos fazendeiros e sua presença só foi constatada a partir dos inventários dos donos desses latifúndios, das cartas de alforria e de registros da igreja católica. Só em 1884 o Rio Grande do Sul libertou legalmente seus escravos, mas permaneceram nas mesmas condições até 1888 (RADÜNZ e GIRON, 2010).

No início do século XX, começaram as grandes obras públicas na região serrana. A construção da estrada de ferro, por exemplo, exigiu que a mão de obra negra fosse fundamental. Assim, é inegável a fundamental contribuição das comunidades negras na formação socioeconômica e política da Serra Gaúcha.

Como escreveu Gilberto Freyre (1933) no célebre livro *Casa Grande e Senzala*, toda fazenda que se preza tem uma casa. E algumas propriedades têm muitas casas, sendo uma delas destinada aos patrões, geralmente a melhor, a mais ampla, a mais vistosa, a mais confortável e, às vezes, a mais funcional. A senzala, que não tem nada disso, ficava designada aos escravos e suas famílias.

Recuperar memórias da vida cultural e sociopolítica de São Francisco de Paula e, por conseguinte, dos Campos de Cima da Serra é dar voz aos próprios protagonistas ou familiares, episódios e narrativas históricas nas quais estas pessoas tiveram participação fundamental em diversas áreas:

a) Trabalho e Economia: Foi importantíssima a mão de obra negra nas plantações, lavouras, na criação de gado, produção de charque etc. Os escravizados foram trabalhadores essenciais em todos os ciclos de desenvolvimento econômico brasileiro.

b) Religiões Afro-descendentes: Com o incremento da presença negra na Serra Gaúcha, expandiram-se as casas de religião de matriz africana. Os negros acabaram por assimilar e trocar elementos entre a cultura “branca” e suas próprias, africanas, num sincretismo religioso. Os cultos afros misturaram elementos de crenças indígenas, espíritas e católicas. As religiões afro-brasileiras recebem nomes diferentes dependendo do lugar e do modelo de seus ritos. No Sul do Brasil prevalece o *batuque gaúcho*, evidenciando as permanências e transformações nas religiões afro-brasileiras (SCHLESINGER e PORTO, 1988).

c) Arte e Carnaval: Embora não tenha sua origem ligada ao negro, é inegável sua influência e presença no carnaval. Para além desta festividade, através de diferentes expressões artísticas, ritmos e cores os negros têm conseguido externar suas sensibilidades. Também através destas manifestações os negros imprimem as marcas de sua cultura de origem, expressando cenas de seus rituais e de suas práticas cotidianas.

d) Quilombos e Comunidades Quilombolas: A forma mais conhecida de resistência foram os Quilombos, que uniam, em um mesmo local geográfico, famílias e descendentes dos escravos fugidos que lutavam por sua liberdade. Segundo o historiador Maestri (2005) os quilombos eram formados por uma população pequena, entre dez e trinta integrantes, basicamente homens. A Serra, apesar da colonização tardia, albergou diversas manifestações de resistência negra que perduram até hoje em forma de Comunidades Quilombolas. Atualmente estas comunidades já não se constituem por escravos fugitivos, mas por acesso/direito às terras por meio de testamentos deixados por senhores/patrões, doações, posse ou compra.

## MEMÓRIA SOCIAL

Recordações são signos não totalmente pré-existentes, mas conformados e criados no ato mesmo de recordar. As lembranças não existem antes de formuladas pelo sujeito e se ancoram em dimensões socioculturais. Quando as pessoas falam de suas lembranças, vão sendo elaboradas imagens do mundo, vão sendo trazidos elementos que se misturam ao presente.

Nenhuma definição objetiva acerca da “memória” dará conta da ideia de memória enquanto experiência da temporalidade e de diferença no sentido de, através dela, termos a possibilidade de diferenciar-nos. Não se trata de um armazenamento de informações, mas da própria abertura do espaço/tempo enquanto experiência de diferenciação existencial. Como afirmava o poeta português Fernando Pessoa (2006, p.521) “A única realidade para mim são as minhas sensações. Eu sou uma sensação minha. Portanto nem da minha própria existência estou certo”.

Não buscamos a generalização dos fatos históricos, mas a experiência compartilhada. Não buscamos “a memória”, mas as memórias. A experiência compartilhada será produzida pelo contexto que atravessa o sujeito e pela temporalidade de sua “alma”, entendendo alma como estrutura social dos afetos (NIETZSCHE, 1992), forças do mundo conectadas às forças do corpo. Marcas do tempo histórico conectadas às marcas dos tempos da experiência. A narrativa da memória é social e singular a um só tempo.

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Como afirma Figueiredo (In JACÓ-VILELA, FERREIRA e PORTUGAL, 2006, p.9) a “história a rigor, não existe, ao menos no singular”. Ao contrário, existem histórias no plural, múltiplas formas de narrar fatos marcantes, saberes e práticas que vão configurando os fatos continuamente.

A partir daí, pode-se pensar que a mesma história pode ser contada de diversas formas, dependendo dos matizes e relevos adotados. Para Hayden Whyte (1995 in SCARPARO, 2002) a história se tece na realidade e a ela retorna mediando consciências e potencializando a transformação de experiências e circunstâncias.

A pesquisa apresentado seguiu a abordagem qualitativa, de tipo exploratório-descritivo e interpretativo. Exploramos um conjunto de indicadores teóricos e empíricos, a fim de acessar as histórias e memórias de diferentes grupos de negros(as) moradores dos municípios que compõem os Campos de Cima da Serra: São Francisco de Paula, Jaquirana, Cambará, São José dos Ausentes, Bom Jesus, Vacaria, Monte Alegre dos Campos. O objetivo central foi o de revisitar imagens, memórias, contos, histórias orais, artefatos/bens culturais, fatos peculiares, cenas e narrativas históricas, a fim de conhecer a fundo, sistematizar e democratizar estes conjuntos de histórias contadas a partir de múltiplas vozes.

A análise se deu a partir de documentos, imagens e narrativas, tendo em vista uma perspectiva dialógica entre diferentes saberes científicos. Como sublinhava Martín-Baró (1983-1986) é necessário situar e datar o conhecimento psicossocial e não vender como universal o que é local e parcial. Uma das tarefas emergentes dos países latino americanos é a recuperação da *memória histórica*, descobrindo seletivamente elementos do passado que possam ser úteis à luta e conscientização das pessoas no presente. Trata-se de uma recuperação de identidades, de retomada de aspectos que foram silenciados. A pesquisa se efetivou a

partir de múltiplas metodologias descritas brevemente à continuação.

### **PESQUISA NARRATIVA**

As narrativas primam por verbalizações em linguagem informal e cotidiana, acerca de vivências, percepções e versões sobre um tema (Bauer, 1996; Bauer e Jochevitch, 1999). Na estrutura da narração o contexto é dado, o evento tem uma sucessão e termina num ponto particular. O fluxo da narrativa preserva os acontecimentos relativos a um tema, favorecendo que o narrador articule uma série de informações no decorrer de sua fala. Para acessar histórias orais e narrativas utilizamos como recurso metodológico a entrevista-narrativa (BAUER, 1996), um procedimento qualitativo que utilizou colóquios não estruturados a fim de preservar a fluidez do discurso da pessoa que narra, evitando o direcionamento da fala através de um sistema fechado do tipo pergunta-resposta.

### **PESQUISA DOCUMENTAL**

Neste procedimento concebe-se que a “voz documento” ocupa um lugar de destaque no processo informativo, desempenhando um papel fundamental no processo científico: a facilitação de fontes de conhecimento e a organização do trabalho de recopilação dos documentos acessados pelo pesquisador e disponibilizados pelos participantes. Todo este processo é realizado a partir de uma série de pautas metodológicas estabelecidas quanto à organização do material coletado: sequencialização, sistematização e disponibilização dos dados, permitindo a elaboração de documentos mais complexos, mas referenciais. Trata-se de uma categorização detalhada dos documentos selecionados que estabelece um fluxo dinâmico de informação e acesso a novos conhecimentos. Na atualidade, define-se o processo documental como recuperador de informação, a partir de um processo rigoroso de análise e categorização. Ao concebermos que a realidade é construída socialmente, os discursos e os textos, são elementos potentes que ajudam a situar, definir e dar sentido à realidade, pois operam no âmbito público como elementos de identificação de um grupo e acabam incorporados à memória cultural dos mesmos (PÉREZ, 1992).

### **PESQUISA SEMIOLÓGICA DE IMAGENS A PARTIR DE ROLAND BARTHES**

Trata-se de atribuir à fotografia sua potência enunciativa. Evidencia-se, pois, a importância de analisar os discursos que o dispositivo fotográfico inaugura e seu potencial de registro sobre a realidade. Apresenta-se um roteiro de passos, oriundo de uma síntese de diferentes teóricos sobre a análise de imagens, uma metodologia inovadora e pertinente à pesquisa em Psicologia Política. A classificação e análise de uma coleção de fotografias se constituem num *corpus* de trabalho interessante à pesquisa, explorando aqueles elementos do discurso que não se vêem no plano superficial das imagens. Como referem Cardoso e Mauad (1997 p.402) “agora todos os vestígios do passado são considerados matéria prima para o historiador. Desta forma, novos textos, tais como a pintura, o cinema, a fotografia, foram incluídos no elenco de fontes dignas de fazer parte da história”. Para muitos/as teóricos a análise fotográfica pode ser considerada uma espécie de *índice* de uma época, dada a riqueza de informações que pode aportar à pesquisa histórica

(ECO, 1980; CARDOSO e MAUAD, 1997).

Na pesquisa realizada, a análise de imagens se constituiu numa interessante possibilidade de identificar em profundidade representações guardadas nas imagens. A análise de fotografias “lança um grande desafio: como chegar àquilo que não foi revelado pelo olhar fotográfico. Tal desafio impõe-lhe a tarefa de desvendar uma intrincada rede de significações cujos elementos – homens e signos – interagem dialeticamente na composição da realidade” (CARDOSO e MAUAD, 1997, p.405). Sua relevância social se dá a partir da possibilidade de analisar o discurso fotográfico como aspecto imbricado na produção de sentidos e práticas sociais. O texto imagético guarda *flashes* da vida real, registra memórias, comportamentos, práticas sociais e representações relativas a uma determinada época. Através da análise fotográfica podemos restaurar representações sociais e códigos culturais de diferentes sociedades em contextos e tempos diversos.

## PARTICIPANTES

Participaram da pesquisa pessoas que tiveram relação com a influência negra na história e constituição econômica, política, social, artística e cultural dos municípios que compõem os Campos de Cima da Serra. A identificação dos participantes deu-se a partir de indicações de informantes-chave moradores dos locais em que a pesquisa está sendo realizada, a começar pelo município de São Francisco de Paula. Adotou-se o método bola de neve aonde um participante vai levando à localização de um próximo participante potencial. Abaixo apresentamos a Tabela 1, contendo dados sociodemográficos dos participantes em São Francisco de Paula.

Tabela 1. Participantes de São Francisco de Paula/RS

<b>Nomes</b>	<b>Idade</b>	<b>Sexo</b>	<b>Profissão</b>	<b>Referência na cidade</b>
Athos Xavier de Brito “Peladinho”	62	M	Artista Gráfico	Poeta e artista gráfico. Fundou a primeira banda de lata no município.
Atos Rogério	49	M	Servidor Público	Compositor de músicas carnavalescas.
Lorena Rodrigues	56	F	Professora	Professora, catequista, voluntária no hospital.
Luis Carlos Duarte “Lucas”	48	M	Analista de Métodos e Processos	Mestre de bateria da escola de samba Alegria do Morro.
Ori José Ferreira	88	M	Servidor Público	Trabalho de copeiro desenvolvido na Câmara de Vereadores.
Paulo Guarani da Silva Rocha	63	M	Caminhoneiro Vigilante	Vigilante do Banco do Brasil.
Vera Maria Duarte de Oliveira	64	F	Servidora Pública Secretária da Fazenda	Presidente da Escola de Samba Alegria do Morro.

Todos os participantes concordaram em preencher e assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), de acordo aos procedimentos éticos adotados, afirmando a concordância em ceder suas narrativas e imagens para fins de pesquisa e divulgação das mesmas no Museu Virtual.

## ACESSO, REGISTRO, SISTEMATIZAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Para registro das histórias e memórias foram usadas diferentes técnicas metodológicas, realizadas com cada um/a dos participantes:

1ª. História Oral através de entrevista narrativa registrada em arquivo digital (áudio), posteriormente transcrita na íntegra.

2ª Análise Semiológica de Imagens mediante a organização de uma coleção de fotografias. Pedia-se aos participantes que selecionassem imagens significativas (entre 20 e 30 fotografias) que pudessem auxiliá-los a recordar e contar histórias/memórias que desejavam registrar. Alguns passos foram seguidos para a organização das imagens: a) as coleções levam o nome do/a participante, b) as fotografias são numeradas em ordem crescente, seguindo a cronologia elaborada pelo participante, c) todas as fotografias são datadas, indicando o local e as pessoas que aparecem, conforme lembranças do participante, d) cada participante descreve a imagem, atribuindo-lhe significados próprios, estes significados são os “sintagmas” (BARTHES, 1980).

3ª Rodas de memória, após a transcrição das entrevistas e organização das coleções de fotografias, os/as participantes participaram de uma roda de memória, onde podiam rever as imagens e a entrevista, adicionando elementos ainda não registrados e podendo associar as imagens às histórias e memórias contadas, permitindo a criação de novos sentidos ao texto. Esse processo possibilitou o agrupamento de associações entre as imagens, as histórias, as memórias, facilitando a elaboração de categorias emergentes de análise entre os dados.

Nove categorias analíticas foram formuladas a partir da triangulação entre os dados: Trabalho; Paisagens; Famílias; Arte e Carnaval; Cultura Local; Histórias e Memórias; Documentos; Espiritualidade; Educação. Os conjuntos de dados agrupam os significados atribuídos pelos participantes aos temas narrados, inaugurando novas possibilidades de interlocução e reflexões sobre a temática pesquisada. As categorias emergentes da análise são apresentadas através de *links* num mesmo sítio virtual<sup>4</sup>.

As categorias reúnem temas recorrentes expressados nas análises oriundas do *corpus* de pesquisa, compostas a partir da triangulação de todo o fluxo de dados analisado: entrevistas, coleções de fotografias e/ou documentos, rodas de memória. As categorias analíticas realizam a fusão dos horizontes hermenêuticos (BAUER, 1996), a interlocução entre os materiais analisados, os conceitos estudados, as significações e reflexões suscitadas durante o caminho de pesquisa percorrido. A seguir apresentamos a Tabela 2 contendo uma síntese da triangulação de dados, a partir da coleção de fotografias de um dos participantes.

<sup>4</sup> Blog para acessar o Museu Virtual: <http://museuvirtualcamposdecima.blogspot.com.br/>

Tabela 2. Exemplos da Análise de Dados a partir da Coleção do Sr. Paulo Guarani da Silva Rocha

	<p>Categoria Educação Foto: 3/12 Data: 1964 Descrição: Sr. Paulo na formatura do ginásio (hoje Ensino Médio) em São Francisco de Paula. Significação: Ao falar da escolha desta imagem Sr. Paulo se emociona: <i>“Imagem (pausa) a importância de um negro concluir o Ensino Médio nos anos 60 (pausa) negro só servia para trabalhar. Eu estava elegante”</i>.</p>
	<p>Categoria Histórias e memórias Foto: 4/12 Data: 1946 Descrição: Aniversário na vila, em frente à antiga Sociedade União (atual Biblioteca Pública em São Francisco de Paula). Significados: A Sociedade União era o clube frequentado por negros/as, diferente da Sociedade Cruzeiro onde só brancos podiam entrar. Significação: <i>“Os brancos saíam do Cruzeiro e iam para o União. Lá sim a festa era boa”</i>.</p>
	<p>Categoria Família Foto: 6 /12 Data: 1953 Descrição: Sr. Paulo (à direita) e o irmão Carlos (à esquerda). Pátio de casa na antiga Rua Carlos Barbosa (atual Rua Assis Brasil). Significação: Sr. Paulo lembra que sua família não morava na vila, mas numa rua central da cidade.</p>
	<p>Categoria Cultura Local Foto: 10/12 Data: 1960 Descrição: Grupo de alunos na banda, antigo Ginásio de São Francisco de Paula (atual Colégio Estadual José de Alencar). Significação: Sr. Paulo salienta que <i>“era muito importante ser da banda do ginásio, quando a banda tocava toda a cidade parava para assistir”</i>.</p>

Os exemplos da Tabela 2 ilustram algumas das categorias emergentes da análise e a integração das imagens às memórias do participante oriundas da roda de memória. Os significados atribuídos às fotogra-

fias extrapolam seu plano objetivo e descritivo, acessam a dimensão da subjetividade enquanto experiência de temporalidade e de diferenciação existencial.

Os diferentes significados atribuídos pelo participante às fotografias informam sobre um mundo experimentado, percepções, um misto de sensações e lembranças sobre o ser negro em São Francisco de Paula. Estas lembranças estão carregadas de experiências singulares, contradições: a importância da conclusão do Ensino Médio, de tocar na banda que parava a cidade, de morar na rua principal e não na vila, os clubes separados entre negros e brancos. Ainda ao falar de seu trabalho Sr. Paulo lembra que, antes de ser vigilante do Banco do Brasil, labor que o torna referência na cidade, se orgulha de ter sido caminhoneiro e ter auxiliado na construção da primeira estrada asfaltada do Rio Grande do Sul. Segundo ele “*antes desta estrada São Francisco não existia, a estrada facilitou tudo e foi muito trabalho*”.

No *corpus* da pesquisa, os diferentes conjuntos de memórias, histórias e imagens expressam narrativas intersubjetivas sobre a influência negra na constituição sociopolítica dos municípios dos Campos de Cima da Serra.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Museu Virtual dos Campos de Cima da Serra começa a ser feito através de acervos fotográficos, documentos, memórias e histórias orais de negras e negros que influenciaram a vida cultural e sociopolítica dos municípios que compõem os Campos de Cima da Serra.

Trata-se de um espaço em rede, aberto e participativo que visa disponibilizar um acervo de histórias e memórias e gerar informações de interesse público. O museu começa a ser feito a partir de uma preocupação com a memória social, elemento importante de contar as histórias negadas pela História oficial e institucional.

A certeza de que nem todas as histórias foram contadas, convocou o grupo de pesquisa Psicologia Política, Educação e Histórias do Presente<sup>5</sup> a desenvolver estudos e ações pormenorizadas acerca das influências socioculturais da região.

Os resultados alcançados até o momento: registro de histórias orais; coleções organizadas de fotografias; divulgação de documentos importantes como, por exemplo, os Documentos da Escravidão Catálogo Seletivo das Cartas de Liberdade<sup>6</sup> e, principalmente, a criação e difusão do Museu Virtual dos Campos de Cima da Serra e seu impacto na região, evidenciam a importância de dar voz aos protagonistas daquelas histórias propositalmente silenciadas. Atualmente, a pesquisa encontra-se em fase de expansão, já que muitos participantes começaram a indicar seus familiares, amigos e outras pessoas da região que podem colaborar, registrar e difundir suas histórias e memórias.

Trata-se de fazer valer um dos compromissos centrais da psicologia social latino-americana, elaborar repertórios de ações coletivas pela dissolução da a-historicidade que envolve o presente psicológico das sociedades (MARTÍN-BARÓ, 1983). Esta lógica, que apaga o antes e se esquece do depois, faz com que a realidade seja aceita com naturalização, sem conhecer e questionar seu passado e sem instaurar as mudanças desejadas no presente. A interiorização do fatalismo (MONTERO, 1984) acaba sendo a matéria prima das injustiças e desigualdades.

<sup>5</sup> Grupo cadastrado no Diretório do CNPq: <http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/>

<sup>6</sup> Governo do Estado do Rio Grande do Sul. Departamento de Arquivo Público do Estado. Porto Alegre, novembro de 2006.

**REFERÊNCIAS**

- BARTHES, R. *A câmara clara*. RJ: Nova Fronteira, 1980.
- BAUER, M. The Narrative. *Interview Papers in Social Research Methods Qualitative Series*, 1, 2-15, 1996.
- BAUER, M.; GASKELL, G. *Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Rio de Janeiro: Vozes, 2ª ed, 2002.
- BAUER, M.; JOVCHELOVITCH, S.. *A questão da metodologia em pesquisa: texto, imagem e materiais sonoros*. Manuscrito não publicado: PUCRS, 1999.
- BRAUDEL, F. *Gramática das Civilizações*. [Trad. Antônio de Pádua Danese]. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1989.
- CARDOSO, C. F. e MAUAD, A. M. “História e imagem: os exemplos da fotografia e do cinema”. In Cardoso, C. F. e Vainfas, R. *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus 5ª ed, 1997.
- ECO, U. *Tratado geral de semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 1980.
- FIGUEIREDO, “Prólogo”. In Jacó-Vilela, A. M. *História da Psicologia: rumos e percursos*. Rio de Janeiro: Nau Ed, 2006.
- FREYRE, G. *Casa Grande e Cenzala*. Global Editora, 1ª Ed. 1933.
- MAESTRI, M. “Quilombos no Rio Grande do Sul”. In: REIS, João José e GOMES, Flávio dos Santos (org.). *Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- MARTÍN-BARÓ, I. *Acción e Ideología. Psicología Social desde Centro américa*. El Salvador: UCA Editores, 1983.
- MARTÍN-BARÓ, I. *Hacia una psicología de la liberación*. Boletín de Psicología, nº 20, pp. 219-231. El Salvador: UCA Editores, 1986.
- MONTERO, M. (1984). La psicología comunitaria: orígenes, principios y fundamentos teóricos. *Revista Latinoamericana de Psicología*, vol. 16, 3, Caracas.
- MUSEU AFRO BRASIL. [www.museuafrobrasil.org.br](http://www.museuafrobrasil.org.br). SP: São Paulo, 2011.
- PÉREZ, R. *El análisis documental: bases terminológicas, conceptualización y estructura operativa*. Madrid: Ed. Universitaria Servicio de Publicaciones, 1992.
- RADÜNZ, R., GIRON, L. S. *Negros: da África à Serra Gaúcha*. Caxias do Sul: Educs, 2010.
- SCARPARO, H. B. K. *O processo de construção de um saber/agir: registros da Psicologia Comunitária no Rio Grande do Sul*. Pontifícia Universidade Católica do RGS/PUCRS. Porto Alegre (impressa), 2002.
- SCHLESINGER, H., PORTO, H. *Geografia Universal das Religiões*. Porto Alegre: Ed. Paulinas, 1988.